

## OS DESAFIOS DE SE REALIZAR UM FESTIVAL DE CINEMA LGBTI+ EM GOIÁS<sup>1</sup>

Cristiano de Oliveira Sousa<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Resumo:** o Produzir o DIGO Festival de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero em Goiás, um estado conservador, enfrenta diversos desafios, incluindo a resistência a discussões da sexualidade, com referências de Michel Foucault. A organização do festival precisa lidar com questões de financiamento, segurança e logística, além de se preparar para possíveis reações negativas da população local e das autoridades. Como garantir a representatividade e inclusão das minorias de gênero e sexualidade em toda a programação do festival, visando a promoção da diversidade e o combate à discriminação e preconceito no Texas do Brasil?

**Palavras-chave:** Cultura visual. Festival de Cinema. Conservadorismo. LGBTI e audiovisual.

**Resumo expandido:** Há oito anos, realizar um festival de cinema no coração do Centro-Oeste sobre diversidade sexual e de gênero, se tornou um projeto pessoal para o combate ao ódio promovido pela intolerância sofrida de toda uma vida de *bullyings* e retaliações pela condição de ser o que é. O sonho era trazer para Goiás, para outros realizadores, a experiência vivida como realizador audiovisual ganhador de diversos prêmios, mas que não reconhecido no próprio estado.

A vontade de se realizar um festival que tratasse a diversidade foi maior do que buscar próprio. A resposta do parecerista no primeiro edital foi que não havia “gays” suficientes em Goiás e que não havia interesse em projetos LGBTIs desta magnitude no estado. A sede então foi maior, era preciso quebrar, produzindo de forma independente o festival, e assim lutar contra toda a ação manipulada pelo poder público que contribui para uma visão errática e desumana LGBTI+.

Por ser homossexual, ela era menos humana e, portanto, considerada menos respeitável em sua dignidade. Publicações com material erótico ou pornográfico eram monitoradas e, muitas vezes, apreendidas e incineradas por violar o código ético da discrição hipócrita que grassava em uma sociedade que consumia vorazmente este tipo de conteúdo. Músicas, filmes e peças de teatro foram vetadas e impedidas de circular por violarem, em suas letras, a moral e os bons costumes, sobretudo quando faziam apologia ao homossexualismo. (QUINALHA, 2018, p. 24)

Percebi que em Goiás tratar esse assunto e se colocar como um sujeito que se coloca em um estado de minoridade, já que diferente de se pensar em produzir um filme ambiental para o principal festival do estado, se ousa sair do senso comum, conforme bem delineado por Foucault (1993, p. 146) ao nos tornarmos conscientes do nosso corpo e ao poder exercido se "emerge

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Produtor audiovisual, diretor do @digofestival @gofilmfestival e @morcegovermelhofest, mestrando no Programa de Pós-Graduação de Arte e cultura Visual da Universidade Federal de Goiás. E-mail: [cristianosousa@discente.ufg.br](mailto:cristianosousa@discente.ufg.br)

inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder". Essa reivindicação é provida pela resistência, transformação e luta contra as imposições e investimentos disciplinares contra a nossa condição humana. O que inclui muitos LGBTIs que acreditam na “igualdade” de oportunidades e que desconsideram a discussão da condição humana.

O sujeito desde sempre, foi ensinado que há um grande perigo na diversidade e na sexualidade, devido a interesses políticos e de poder. O ataque à sexualidade, portanto, reflete a um discurso de censura, apagamento realizado por “educadores” da normalização da barbárie. A preocupação sempre foi o apagamento da figura do que está fora do padrão imposto no âmbito da cultura visual, através do que foi ensinado ao sujeito e o que foi aprendido durante a vida.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras. Muitas outras instâncias sociais, como a mídia, a igreja, a justiça etc também praticam tal pedagogia, seja coincidindo na legitimação e denegação de sujeitos, seja produzindo discursos distantes e contraditórios. (LOURO, 2000, p. 21)

É necessária uma discussão crítica, que investiga e denuncia as formas de dominação e ideologias nas representações de quem as produz. Ela pode e deve ser feita pela cultural do audiovisual. Segundo Foucault (1993, p. 100), “a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico”. A questão é que ainda estamos envoltos com discursos prescritivos sobre gênero e sexualidade desde pelo menos o século XIX, por isso é tão difícil se produzir diversidade.

O DIGO, portanto, é um projeto maldito, que não consegue patrocínios pela Lei Goyazes, patrocínios diretos, ou respostas concretas de análise de um edital municipal. É um projeto mais delicado, onde é necessário se realizar mais dois festivais em Goiás para que as comparações possam ser comprovadas. É praticamente um martírio no sentido de se entender como importante para uma região de 13 milhões de pessoas ainda envoltas na intolerância da sociedade é cíclica e constante, no imaginário popular a percepção é de que os personagens LGBTI+ são os “agentes do mal”. A ideia é que quanto mais desigualdade, pior a convivência. No entanto, a igualdade de gênero não existe e a associação do feminino como fragilidade ou submissão, do senso comum, serve para justificar preconceitos. Uma pergunta: Como os personagens LGBTI+ nos filmes que você já assistiu eram retratados? Como a indústria cultural tratou e trata a questão?

Como produtor que trabalha diretamente com as vertentes da cultura visual contemporânea em volta da sexualidade e gênero, percebo que ao longo destes últimos anos a repressão e a censura ainda são recorrentes, o que é um fato alarmante na necessidade de um compromisso da educação com a desbarbarização e com o esclarecimento. O DIGO festival então segue resistente, independente e resiliente, como uma ferramenta necessária, como um

oásis da liberdade do audiovisual.

### Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FOUCAULT apud SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer**. Rio de Janeiro: Pauslin; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, p. 63-64.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. 2ª Ed., Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

QUINALHA, Renan. Uma ditadura hetero-militar: notas sobre a política sexual do regime autoritário brasileiro. In: GREEN, James et al. (org.). **História do Movimento LGBT no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2018.